

A CAPOEIRA COMO ELEMENTO DA CULTURA BRASILEIRA: TERRITÓRIOS E IDENTIDADES EM AMBIENTES DE ENSINO

João Marcus Perelli-dos-Santos¹;
Leonardo José Mataruna-dos-Santos².

1 - Universidade de Coimbra (POR)/Universidade Estácio de Sá (BRA-RJ)
2 - Coventry University – CTPSR / Marie Curie Research Fellow – EU (UK)

Introdução

O processo de formação da cultura brasileira foi estabelecido por meio do diálogo entre diferentes referências culturais europeias, africanas e nativo-americanas. Durante longo transcurso de construção histórica e cultural do território que passou a ser conhecido como “Brasil”, um fenômeno histórico impactou de forma significativa a conformação do Estado, da economia e da cultura nacionais ao longo de aproximadamente quatro séculos (século XV ao século XIX): o tráfico de escravos. Este movimento foi considerado um dos grandes empreendimentos comerciais e culturais do período e marcaram a formação do mundo moderno ^(1, 12).

Como forma de resistência cultural em sua nova configuração política e social no território brasileiro, os africanos deportados no período da escravidão e seus descendentes estabeleceram, por meio de diversas formas de luta, a construção de espaços simbólicos e significativos onde buscavam manter “vivas” algumas de suas práticas rituais tribais, tendo na luta, na música, no canto e na dança seus aspectos mais importantes ^(9, 12). Nesse novo ambiente de interlocuções entre integrantes das diversas nações africanas e ressignificações das práticas em território brasileiro surgiu o elemento “Capoeira”, objeto principal de análises neste trabalho.

No final do século XIX, ainda de acordo com Araújo, a Capoeira começou a ganhar contornos de luta, jogo, dança, folclore, dependendo do momento e conjuntura política e social que o país atravessava. A prática ora era utilizada para a manutenção da ordem pública e defesa nacional, ora para fins de proteção física a figuras ilustres da nobreza e da política, ou mesmo sendo ensinada nos grupamentos militares, adaptando-se, portanto, aos distintos interesses e necessidades da época. ⁽¹⁾

Entretanto, apesar do discurso de valorização das expressões culturais genuinamente brasileiras no final do século XIX e início do século XX, isto não impediu que a Capoeira fosse inserida na forma da lei como uma contravenção no Código Penal Brasileiro, após a promulgação do Decreto nº 487, de 11 de outubro de 1890. A partir desse decreto, passaram a ser considerados infrações penais os exercícios de agilidade e destreza corporal denominados “Capoeiragem”, tornando passível de penalidades ou repreensões diversas a quem desobedecesse a referida legislação. ⁽¹⁾

No entanto, nas primeiras décadas do século XX, surgiu uma política nacional de resgate da Capoeira como prática cultural genuinamente brasileira.

Esse resgate da cultura e a busca por um caráter de brasilidade foi uma forma de edificar a identidade nacional “(...) a partir da nova onda de nacionalismo pregada pela construção de uma identidade própria da nação brasileira durante a ditadura do Presidente Getúlio Vargas” (1, p. 275). A Capoeira garantiu, nesse processo, a função de “expressão cultural de significativa importância social para a construção de um corpo de cultura nacional (...)” (1, p. 277).

A construção deste “caráter de brasilidade” se iniciou na segunda década do século XX, consolidando uma mudança de perspectiva onde a Capoeira estava inserida, notando-se um processo de maior aceitação da cultura afro-brasileira junto aos intelectuais da sociedade. Isto se deu, principalmente, por a cultura ter passado a ser compreendida, naquele período, como um dos mais importantes elementos para construção de uma identidade brasileira.

Esta classe anteriormente referida (os intelectuais), amparada pela intenção populista de forjar uma identidade própria, principalmente, a de resgatar na sociedade todas as matrizes de raiz cultural para a formação de um corpo de cultura genuinamente nacional, passa a identificar e descrever as manifestações populares emergentes dos contingentes populacionais menos favorecidos, as quais eram compostos na sua maioria por negros e mestiços, expressões estas marcadas fundamentalmente pelos elementos culturais das matrizes africanas no Brasil, contribuindo, assim, [...] para a formação do arcabouço cultural brasileiro, configurando-se, entre estas matrizes folclóricas, a Capoeira. (1, p. 279)

Tendo em vista estes debates sobre as funções políticas, sociais e culturais atribuídas à Capoeira ao longo da história do Brasil, iniciaremos as discussões específicas sobre os dois pontos de análise deste artigo: os territórios e as identidades.

Para fins de compreensão do conceito de território, trazemos a definição de Haesbaert, que afirma que o território: *surge a partir da tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica.* (6, p. 133)

Esta definição mostra-se importante para as discussões da pesquisa uma vez que o processo de tentativa de controle de área geográfica é identificado na prática da Capoeira ao longo do século XIX no Rio de Janeiro com a organização e delimitação dos territórios das maltas de “capoeiras”. A apropriação do território era um componente fundamental dessa forma de organização, com cada malta dominando uma “freguesia” específica e evitando a invasão dos grupos concorrentes, o que era considerado provocação. Desta forma, as regiões mais centrais da cidade eram inteiramente dominadas por grupos distintos de “capoeiras”.

Tal como no período das maltas cariocas e suas definições de áreas geográficas de domínio, na contemporaneidade registram-se disputas entre grupos de Capoeira por território e reconhecimento, porém essas rivalidades adquirem novas formas organizativas e de expressividade. Em decorrência disso, os territórios onde acontecem as rodas de mês são locais de demarcação de espaço com suas tradições e rituais fazendo parte da

simbologia e tendem a ser dominados por um único grupo de Capoeira, acontecendo mormente em praças, parques e outros espaços públicos. Encontramos essa mesma lógica, a de querela pelo território, nas escolas que oferecem a prática da luta/jogo capoeira em seus espaços, onde cada grupo fica “responsável” pelo colégio do “seu” bairro.

Nesta concepção de território enquanto espaço de poder, a escola e seu currículo não são vistos apenas como um programa ou elenco de disciplinas, mas como o conjunto de saberes, valores, atividades e experiências vividas que, mesmo de forma subjacente, são convergentes para objetivos educacionais ⁽¹¹⁾ e corroboram para a formação da identidade do sujeito, seja na perspectiva do currículo formal, tradicional ou oculto. Apesar de boa parte dos processos educacionais vividos dentro da escola ter sido previamente estabelecido, como espaço social a escola abriga um campo de experiências espontâneas, muitas vezes contraditórias, mais ou menos intencionais que também confluem ou expressam processos de territorialização. ⁽¹¹⁾

O entendimento de territorialização mencionado acima e sua relação com a formação da identidade pode ser visualizado na perspectiva elaborada por Santos ⁽¹⁰⁾ onde o território não é somente o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e de coisas criadas pelo homem, sendo, mais do que isso, o chão e a população, criando assim uma identidade e o sentimento de pertencimento. Além disso, *toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território (...) uma identidade em que um dos aspectos básicos para sua estruturação está na alusão a um território, tanto no sentido simbólico quanto mais concreto.* ^(6, p. 54)

Segundo Haesbaert ⁽⁶⁾, esses espaços territoriais são interpretados de formas distintas e poderão colaborar para a construção das identidades, estando estes dois aspectos, portanto, interligados. Sendo assim, buscaremos debater a partir de agora como o processo de construção de identidades, vinculados à questão das disputas territoriais, foram configuradas ao longo da história da Capoeira no Brasil e também nos embates políticos no âmbito desta prática na contemporaneidade.

Neste sentido, o tipo de pensamento produzido pela colonialidade do poder revela formas de pensar e agir padronizados (estereótipos), e exclui o que Mignolo ⁽⁸⁾ chama de pensamento liminar, ou seja, pensar “a partir de”, das estruturas sociais à margem desse pensamento construindo, assim, outra visão de mundo que não a dominante (gnose liminar*). Isto significa falar de um conhecimento além das culturas acadêmicas, no sentido de conhecimento geral.

Traduzindo uma forma de agir e viver da população escravocrata do período colonial, Las Casas ⁽³⁾ argumenta que a forma como os africanos eram retirados da África desumanizava e contrariava as leis pregadas pelo Catolicismo, gerando um genocídio e negando, assim, seus traços identitários e a sua cultura. Isto vem reforçar o conceito de identidade de resistência gerada por atores que estão em posição desvalorizada ou discriminada, desenvolvido por Castells ⁽⁴⁾, quando afirma que esse

* Gnose liminar enquanto conhecimento em uma perspectiva subalterna, é o conhecimento concebido das margens externas do sistema mundial colonial/moderno.

(...) tipo de construção de identidade, a identidade destinada à resistência, leva à formação de comunas, ou comunidades, (...) é provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade.

As identidades contemporâneas que envolvem a relação Capoeira/capoeirista têm suas raízes na produção de conceitos, estereótipos e na manipulação de símbolos étnicos no início do século XX, não sendo uma a identidade do capoeirista.

Como afirma Zigmunt Bauman ⁽²⁾, o problema das criações identitárias é que elas são, em certo sentido, impostas pelos grupos mais fortes da sociedade, ou seja, a definição do que é “ser negro”, mesmo quando articulada por militantes negros anti-racistas, obedece à lógica da sociedade que valoriza o “ser branco”. Em outras palavras, os militantes desses movimentos não valorizam as identidades dos grupos de forma completamente autônoma.

As tradições evoluem com o passar do tempo, mas também podem ser modificadas repentinamente, já que *na tradição a noção de tempo é fundamental, considerando que a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente.* ^(5, p. 31)

Eric Hobsbawm ⁽⁷⁾, a respeito desse tema, descreveu que “muitas tradições que parecem ou reivindicam uma grande antiguidade são recentes em sua origem, sendo, às vezes, invenções dos séculos XIX e até mesmo XX”. *O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. [...] entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.* ^(7, p. 9)

Essa relação com o passado é um exemplo de situações das quais se faz um suposto resgate para estabelecer uma continuidade com o presente, conformando, assim, “tradições inventadas” para dar continuidade artificial ao que é contado no presente. As tradições precisam, sempre que possível, estabelecer uma continuidade com um “passado histórico apropriado”, continuidade postulada por Hobsbawm, ⁽⁷⁾ e não se tratando de algo ininterrupto. Pelo contrário, dada a distância para com certo passado e até mesmo a ausência desse “passado” na vivência e nas memórias cultivadas pelas pessoas, seria preciso então inventar um passado em comum que servisse para modelar o presente e servir como elemento de coesão aos propósitos de uma liderança.

Em certo sentido, como corrobora Bauman ^(2, p. 37), “toda tradição, pelo menos toda tradição em nosso tipo de sociedade, tem que ser inventada e não pode ser senão inventada”.

A Capoeira deve ser inserida nesta perspectiva de cultura como uma “invenção de tradição” formadora de identidade, pois, segundo esses indicadores: ela é rica na construção de rituais e símbolos, imbuída de

elementos de sua tradição, tais como: “cânticos de entrada”, que significa cantar uma música de agradecimento ao seu “Santo Protetor” antes do jogo; tocar no berimbau e se benzer pedindo proteção antes do jogo; traçar uma cruz ao chão; jogar dentro de um círculo símbolos que surgiram na oralidade sem data, local e que fazem constantemente recorrer a um suposto passado autêntico: a sua “origem” nas senzalas e quilombos; as maltas de Capoeira; a legitimidade da Capoeira baiana em relação às outras; e a busca de uma Capoeira pura, legítima e original.

Considerações Finais

A partir das discussões teóricas aqui apresentadas e tomando-se como respaldo as pontuações efetivadas ao longo do artigo sobre o estudo mais amplo se encontrar na condição *work-in-progress*, torna-se possível considerar neste momento que os movimentos de construção identitária na Capoeira tem como elemento significativo a questão territorial e mostra-se um tema de grande relevância na atualidade, principalmente em suas formulações nos ambientes escolares.

Os embates que envolvem território/identidade não são exclusivos da contemporaneidade, como foi possível perceber ao longo das discussões. Já eram identificáveis no século XIX nas disputas desenvolvidas pelas maltas de Capoeira no Rio de Janeiro e foram adquirindo novas configurações e significados ao longo de todo o século XX a partir dos movimentos de resgate da prática, que comumente buscavam elementos históricos de legitimação de certos grupos sobre outros. Neste sentido, compreendemos que os debates teóricos efetivados mostram-se de grande contribuição para as reflexões sobre as práticas e “tradições inventadas” relacionadas à Capoeira e seu papel de elemento cultural nacional. A maior inserção de temáticas referentes à história e cultura afro-brasileiras a partir da promulgação da Lei n. 10.639/2003 também pode ser destacado como uma justificativa pertinente para a abertura de um debate mais amplo e profundo sobre as relações estabelecidas com a Capoeira no ambiente escolar por todos os envolvidos na prática.

Conforme já pontuado anteriormente, este artigo tinha como foco apresentar um arcabouço teórico viável para se discutir as questões relativas a construções de identidade e territorialidade no âmbito da Capoeira no Brasil. Neste sentido, compreendemos que o presente trabalho vêm a contribuir para aprofundar os debates sobre a temática incorporando referenciais importantes das Ciências Sociais e Humanas às formas mais lineares de análise sobre a Capoeira.

Referências

1. Araújo PC (1997). *Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da Capoeira*. Portugal: Editora PUBLISMAI - Departamento de Publicações do Instituto Superior da Maia.
2. Bauman Z (2003). *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
3. Casas BL (1996). *Brevíssima relação da destruição de África*. Lisboa: Ed. Antígona.
4. Castells M (1999). *O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
5. Giddens A (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

2002.

6. Haesbaert R (2004). *Territórios Alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto.
7. Hobsbawm E (1997). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra.
8. Mignolo W (2003). *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
9. Obi D (2009). Angola e o jogo da Capoeira. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia* 24 (1): 104-125.
10. Santos M (2004). *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record.
11. Silva TT (1999). *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica.
12. Tavares JC (2008). *Díásporas Africanas na América do Sul*. Uma ponte sobre o Atlântico. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão.

Endereço p/ correspondência:

Rua Antônio Martins D´Avila, 30, casa 20- Bairro Da Luz.

Nova Iguaçu, Rio de Janeiro – RJ – Brasil - cep: 26526-000

e-mail: joaomarperelli@uol.com.br

The Capoeira as an element of Brazilian culture: territories and identities in the learning environments.

ABSTRACT

Many researchers around the world using different dimensions and proposals have studied Capoeira. However, some aspects involving the physical practices still require more critical comments. Capoeira is an important intangible heritage of the country and part of the history and of Afro-Brazilian culture. This practice took on a new role in the school perspective, especially after the enactment of Law n. 10.639/2003. In this sense, the relations amongst Capoeira and school became an important topic of study. This paper aims to present a theoretical framework that discusses the importance of body practices as an element for identity construction, using as a starting point the relationships between the concepts of identity and territory. Surveys and theoretical debates showed that issues related to the process of identity construction derived from two concepts: (1) territorial disputes; (2) the historical revival process, and the memories built around practices of "invented traditions". These processes are not a recent movement, being in fact on the historical trajectory of Capoeira in Brazil since the nineteenth century.

Keywords: Capoeira, Culture, Identity, Place, School.

RESUMÉ

Capoeira a été étudié par de nombreux chercheurs à travers le monde dans ses différentes dimensions et des propositions. Cependant, certains aspects impliqués dans la pratique nécessitent encore autre observation critique. La capoeira est un important patrimoine immatériel du pays et une partie de l'histoire et de la culture afro-brésilienne, cette pratique est venu à occuper un

nouveau rôle dans l'environnement de l'école, en particulier après la promulgation de la loi n. 10.639 / 2003. En ce sens, les relations établies entre Capoeira et l'école est devenue un sujet d'étude pertinent. Cet article vise à présenter un cadre théorique dans lequel la discussion de cette pratique de corps comme un élément important de la formation des notions d'identité, en prenant comme point de départ les relations entre les concepts d'identité / territoire. Les enquêtes et les discussions théoriques ont montré que le processus de construction de l'identité se fonde sur deux principes: (1) à partir de différends territoriaux; (2) de l'histoire ou de souvenirs construit autour de pratiques et «traditions inventées». Ces principes ne font pas partie d'un mouvement récent, étant en fait un cadeau à la trajectoire historique de Capoeira au Brésil depuis le XIXe siècle.

Mots-clés: Capoeira, culture, l'identité, le territoire, l'école.

RESUMEN

Capoeira ha sido estudiado por muchos investigadores de todo el mundo en sus diferentes dimensiones y propuestas. Sin embargo, ciertos aspectos que intervienen en la práctica todavía requieren observación más crítica. La capoeira es un patrimonio intangible importante del país y parte de la historia y la cultura afro-brasileña, esta práctica ha llegado a ocupar un nuevo rol en el entorno escolar, especialmente después de la promulgación de la Ley núm. 10.639 / 2003. En este sentido, las relaciones que se establecen entre la Capoeira y la escuela se convirtió en un tema relevante del estudio. Este artículo tiene como objetivo presentar un marco teórico en el que la discusión de esta práctica cuerpo como un elemento importante de la formación de las nociones de identidad, tomando como punto de partida las relaciones entre los conceptos de identidad / territorio. Las encuestas y los debates teóricos demostraron que el proceso de construcción de la identidad se basa en dos principios: (1) de las disputas territoriales; (2) de la historia o recuerdos en torno a las prácticas y "tradiciones inventadas". Estos principios no son parte de un movimiento reciente, siendo de hecho un regalo a la trayectoria histórica de la Capoeira en Brasil desde el siglo XIX.

Palabras clave: Capoeira, Cultura, Identidad, Territorio, Escuela.

A CAPOEIRA COMO ELEMENTO DA CULTURA BRASILEIRA: TERRITÓRIOS E IDENTIDADES EM AMBIENTES DE ENSINO

RESUMO

A Capoeira tem sido estudada por diversos pesquisadores em todo o mundo em suas mais diferentes dimensões e propostas. No entanto, determinados aspectos que envolvem a prática ainda necessitam de observações mais críticas. Sendo a Capoeira um importante patrimônio imaterial do país e elemento da história e da cultura afro-brasileiras, esta prática passou a ocupar um novo papel no ambiente escolar, principalmente após a promulgação da Lei n. 10.639/2003. Neste sentido, as relações estabelecidas entre a Capoeira e a escola passaram a ser uma relevante temática de estudo. O presente artigo tem como proposta apresentar um arcabouço teórico que possibilite a discussão desta prática corporal enquanto um importante elemento de

formação de noções de identidade, tomando-se como ponto de partida as relações entre os conceitos de identidade/território. Os levantamentos e debates teóricos realizados demonstraram que o processo de construção de identidades se baseiam em dois princípios: (1) a partir de disputas territoriais; (2) resgate da história ou das memórias construídas em torno das práticas e das “tradições inventadas”. Estes princípios não fazem parte de um movimento recente, sendo na verdade um ponto presente na trajetória histórica da Capoeira no Brasil desde o século XIX.

Palavras-Chave: Capoeira, Cultura, Identidade, Território, Escola.